

O SESC AVENIDA PAULISTA E A FORMAÇÃO DE UM CORREDOR CULTURAL EM SÃO PAULO, APONTAMENTOS INICIAIS

André Sevilha Alves¹

RESUMO

A Avenida Paulista é reconhecida como uma das principais vias da capital paulistana, milhões de pessoas circulam por ela diariamente, e diversos são os motivos que levam essas pessoas à avenida em questão. Neste trabalho exercitamos uma reflexão inicial sobre a reconstrução do Sesc Avenida Paulista e seu papel na constituição de um corredor cultural, entendendo a cultura enquanto um setor da economia urbana que participa ativamente no processo de produção do espaço urbano, tomando como caso uma parte da cidade de São Paulo. Neste sentido, utilizamos referências sobre experiências semelhantes nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Mossoró. Para pensar as mudanças ocorridas na área estudada a partir do pensamento geográfico, nos pautamos nas categorias forma, função, estrutura e processo propostas por Milton Santos como elementos possíveis de serem mobilizados para a análise do espaço enquanto algo em constante transformação.

Palavras-chave: Equipamentos culturais; corredor cultural; refuncionalização; Sesc.

RESUMEN

La Avenida Paulista es reconocida como una de las principales vías de la capital paulistana, millones de personas circulan por ella diariamente, y diversos son los motivos que llevan a esas personas a la avenida en cuestión. En este trabajo ejercitamos una reflexión inicial sobre la reconstrucción del Sesc Avenida Paulista y su papel en la constitución de un corredor cultural, entendiendo la cultura como un sector de la economía urbana que participa activamente en el proceso de producción del espacio urbano, tomando como caso una parte de la ciudad de São Paulo. En este sentido, utilizamos referencias sobre experiencias similares en la ciudad de Belo Horizonte, Río de Janeiro y Mossoró. Para pensar los cambios ocurridos en el área estudiada a partir del pensamiento geográfico, nos pautamos en las categorías forma, función, estructura y proceso propuestas por Milton Santos como elementos posibles de ser movilizados para el análisis del espacio como algo en constante transformación.

Palabras clave: Equipamientos culturales, corredor cultural, refuncionalización, Sesc.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos propomos a analisar os sentidos da reconstrução do Sesc Avenida Paulista (reaberto ao público em 2018), localizado na Avenida Paulista, 119, São Paulo - SP, na constituição do que podemos chamar de corredor cultural. Corredores culturais são formas

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo - USP, andresevilha@usp.br

de intervenção no espaço urbano, comumente instituídos pelo poder público, que projeta para uma determinada área modificações no seu uso, passando a estar atrelado a um uso dito cultural. Neste sentido, por intermédio de um novo ordenamento, a Av. Paulista ganha uma centralidade no consumo cultural da cidade de São Paulo, alterando, em certa medida, o seu papel na capital.

O Sesc (acrônimo de Serviço Social do Comércio, instituição privada sem fins lucrativos, ligada ao setor do comércio de bens, serviços e turismo) está presente na cidade de São Paulo desde os primeiros momentos da história da instituição, que começou em 1946. O Sesc atua em todas as unidades federativas do Brasil, cada uma delas constitui um Departamento Regional dotado de certa autonomia administrativa. O Departamento Regional de São Paulo possui uma atuação significativa no Programa Cultura, na medida em que é o Departamento que mais destina verba (seja no valor total orçado, seja comparando com a proporção destinada aos outros programas de atividades) e que centraliza certas atividades, como as publicações das Edições Sesc, do Selo Sesc e do SescTV.

O leque de atividades realizadas/organizadas pelo Sesc é amplo e diversos estudos foram realizados tomando como referência a instituição. Sobre o Programa Cultura, que tem como foco atividades artísticas e de biblioteca, há estudos sobre a relação entre público e instituição (OLIVEIRA, 2009), sobre as políticas de cinema (LOPES, 2015) e de atividades de lazer oferecidas gratuitamente pela instituição (LEMOS, 2005), que apesar de não ser um estudo dedicado exclusivamente ao Programa Cultura, este é um elemento central na dissertação. A geografia ainda não se ateuve muito à análise deste agente complexo, que atua mobilizando quantias significativas de dinheiro (1.313.571.016,00 reais orçados para 2023) e pessoas (mais de 10 milhões de atendimentos em 2016)², neste sentido, entendemos que a ciência geográfica tem muito a contribuir para compreender a atuação do Sesc, e assim a sociedade.

A palavra cultura é extremamente polissêmica, não possui uma definição única e se configura como uma fonte de poder e de dominação, que, no entanto, não opera sem que haja contestação (MITCHELL, 2000). A fluidez da definição de cultura é assim limitada, neste artigo, a partir dos esforços para torná-la aplicável à economia urbana. Valverde (2015, p. 329) nos adverte que “Pensar, agir e produzir sob a justificativa cultural significaria realizar a escolha de uma estratégia que pode aproximar agentes, mobilizar recursos e ganhar nova força no mundo globalizado.” Entendemos, assim, que ela opera potencialmente tanto valorização dos lugares quanto numa suposta valorização do indivíduo através do aumento do

² Dados obtidos no portal de transparência da instituição(<http://transparencia.sp.sesc.com.br/>)

seu "capital cultural" podendo ser considerada uma "commodity" (HARVEY, 2006), que se insere nas relações sociais.

METODOLOGIA

Procedemos com dois movimentos de revisão bibliográfica. Um sobre o Sesc, pautando-nos, em especial, no trabalho de Pompolo (2007), para compreender sua história e transformações até a configuração atual que, desde os anos 80, possui a democratização da cultura como ponto central. Observa-se que tal democratização se envereda pelo acesso aos bens e manifestações artísticas que ocorrem na unidade, oferecendo espetáculos a preços inferiores ao encontrado no ramo eminentemente comercial e por vezes sendo inteiramente gratuitos (o que é a realidade para todas as exposições de arte que ocorrem nas unidades do Sesc). O segundo momento de revisão foi realizado para tomar conhecimento de outros processos de ação direta no espaço urbano a partir de uma estratégia cultural, como observado nas experiências de formação do corredor cultural no Rio de Janeiro e em Mossoró, e do circuito cultural de Belo Horizonte.

As fontes consultadas sobre os corredores não são assinadas por geógrafos. Trabalhamos com artigos oriundos das áreas do turismo, da economia, do planejamento urbano e regional, e da arquitetura; uma variedade de enfoques que reafirma a importância de nos determos a esse tema, apontando para a variedade de formas que podemos abordá-lo e para as possibilidades de articulação entre diferentes campos do conhecimento.

A cultura, sob a ótica adotada neste trabalho, constitui um setor da economia urbana que, no nosso entendimento, pode ser estudado a partir das categorias forma, função, estrutura e processo, trabalhados nas obras de Milton Santos (2004 e 2008). De acordo com Santos (2008, p. 68) “a compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo”, destarte, mediante a proposta de Santos pretendemos discutir o Sesc, com a nova unidade na Avenida Paulista, como uma marca deste processo de constituição de um corredor cultural. Comparando-o com os corredores das demais cidades. Concordamos com Valverde (2019, p. 225) quando este, ao apresentar as noções de guerra cultural e multiterritorialidade como possibilidades de análise da Geografia Cultural, assevera que “denominar algo de cultural e agir intencionalmente a partir dessa denominação sobre o território é uma forma poderosa de alterar o equilíbrio de forças.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Avenida Paulista foi inaugurada em 1891 após processos de adaptação encabeçados, sobretudo, por Joaquim Eugênio de Lima, grande proprietário de terras paulistano que adquiriu uma série de terrenos para criar a Paulista (SHIBAKI, 2007). O objetivo desse investimento era criar um local único na cidade, diferente de tudo que o centro antigo não tinha mais a oferecer para a elite cafeeira e comercial paulistana, mas também da elite industrial passava a ganhar importância no cenário político e econômico do país. Neste sentido, a Paulista surge como uma novidade para este estrato utilizarem-a enquanto local de moradia. Passando por diversas transformações ao longo dos anos, do uso estritamente residencial para a multifuncionalidade presente atualmente. Shibaki (2007) nos apresenta diversas formas de enxergar a Paulista sob o prisma de um ícone, que por sua vez pode ser uma forma de ver tanto a cidade como a Paulista em si. Segundo a autora ela é “tida como um dos principais ícones da metrópole, traduzindo toda a dinâmica institucional já fixada, nacional e internacionalmente, ou seja, ela simboliza riqueza, pujança, trabalho e grandiosidade (...)” (*Ibidem*, p. 6), e prossegue nos recordando que tais características são privilegiadas e veiculadas para ocultar outras não interessantes para certos fins, como as facetas da pobreza e da exclusão social das metrópoles.

A história do Sesc na Paulista precede a inauguração da unidade em 2018 e de certa maneira acompanha o processo de transformação da avenida. Em Pompolo (2007) observamos que entre 1978 e 2005 funcionava na Avenida Paulista (no mesmo número) o edifício administrativo do Sesc que partilhava o espaço com a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio-SP), já contando com certa estrutura para atividades artística (galeria de arte e auditório com capacidade para 170 pessoas), contando com programação teatral voltada ao público adulto (OLIVEIRA, 2009). A Fecomércio-SP desocupou o prédio e o Sesc tinha planos para transferir sua administração para a unidade Belenzinho (inaugurada em 2010 mas com o edifício administrativo em funcionamento anterior). Portanto, entre 2005 e 2018, o imóvel ficou sem uso social, passando por um processo de reforma para transformá-la “em uma unidade de atendimento ao público” (POMPOLO, 2007, p.207).

Essa reforma parte do interesse em integrar este fixo ao padrão de atendimento realizado pelo Sesc em São Paulo. Segundo Danilo Miranda “O objetivo era transformar um prédio de escritório, típico da Avenida Paulista, em espaços para outras atividades, para

Programação a que o Sesc se propõe a oferecer” (VASCONCELOS, s/p, 2018).

Programação que inclui tanto a ‘cultura’ como a saúde, esporte e educação. No entanto, para além deste objetivo de se configurar enquanto um prédio com maior função social, entendemos que a reforma da unidade é uma maneira de sinalizar o destino que o capital privado está direcionando à avenida, uma demonstração do poder de atribuir a um lugar de uma característica. A criação de equipamentos culturais de interesse público produz rupturas e mudanças no cotidiano, sendo assim, não podemos enxergá-los pela positividade estrita.

O Sesc retorna à avenida em momento de intensa transformação. Um ano antes da inauguração do novo Sesc Avenida Paulista, o Instituto Moreira Salles Paulista (IMS) e a Japan House entraram em funcionamento. Estes três equipamentos, junto com a Casa das Rosas, Museu de Artes de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), Itaú Cultural e Centro Cultural FIESP, compõem os equipamentos da iniciativa Paulista Cultural, recém criada a partir de uma proposta do MASP. Essa proposta deixa de lado outros equipamentos que direcionam a avenida para o consumo cultural, como o Instituto Cervantes (localizado em frente ao IMS), o Teatro Gazeta, o Reserva Cultural e entre outros. A Paulista Cultural consiste numa proposta de ação dialógica pontual, à moda do Museum Mile nova iorquino, onde durante um dia o acesso e as atividades nesses equipamentos são gratuitas e seguem um fio-condutor geral. Para além da ação pontual, Matuck, dos Santos e Oliveira (2022, p. 229) identificam que há a possibilidade de um trabalho em rede mais contundente, segundo as autoras “essa rede poderia ampliar suas conexões promovendo ações que fortaleceriam e estimulariam a experiência cultural de seus frequentadores.”

As autoras nos informam que “A partir de análises de materiais de divulgação do projeto, foi possível notar que dentre os principais objetivos da iniciativa estão: promover o intercâmbio entre as programações dos equipamentos e estimular que o público defina seu próprio roteiro cultural.” (Ibidem, p. 217)”, para tanto, foram realizadas uma série de encontros entre as instituições para discutir e manter uma comunicação acerca das suas programações e propostas. O que nos indica que, a princípio, este corredor privado não se pauta na criação de uma política cultural unificada ou de maiores desdobramentos no espaço, mas no estabelecimento de um diálogo e contato, visto que estão localizados ao longo dos 2,7 quilômetros de Paulista. Extensão que se configura como um entrave, segundo relato de Fernanda Bonini, coordenadora de planejamento estratégico do MASP, presente no texto de Matuck, dos Santos e Oliveira. Nas suas palavras: “existe uma distância (física) entre as instituições, é difícil manter um corredor, temos vazios ao longo da Paulista sem nenhuma instituição cultural”. (Ibidem, p. 228) Não compreendemos, no entanto, a relação entre os

na dificuldade em manter o corredor, nos termos em que ele se propõe. Que é, reiteramos, diálogo e intercâmbio de programações. Ademais, há outras instituições, de fato não exclusivamente ligadas à cultura institucionalizada, mas que também atrai consumidores e promove público potencial para o Paulista Cultural. Assim como os demais espaços edificadas, com seus usos variados, que preenchem o suposto vazio na avenida.

Partimos para uma exposição dos corredores culturais presentes nas cidades de Belo Horizonte, Mossoró e Rio de Janeiro, para então apresentar e colocar o caso paulistano em diálogo com os demais corredores. O Circuito Cultural Praça da Liberdade ocorre no conjunto arquitetônico que circunda a praça homônima, localizada na região central da cidade. Ela foi construída na fundação de Belo Horizonte, em 1897, enquanto um centro de poder que concentrava a sede do governo e as primeiras secretarias, esta praça era, e segue sendo, um espaço importante de manifestações políticas na capital mineira. Com a transferência da função administrativa para o bairro Venda Nova em 2010, o Circuito é prontamente constituído, seguindo o modelo de gestão baseado na Parceria público-privada (PPP). Percebe-se, portanto, que ela é fruto de uma política pública ancorada na tendência contemporânea neoliberal da mercantilização, a qual o Estado de Minas Gerais perpetua (LEMONS JÚNIOR; BORTOLOZZI, 2014). As formas do conjunto arquitetônico são mantidas, sendo adequadas à nova função, ligado ao consumo cultural e seguindo uma prática de ‘museificação’ desta área. Segundo Lins e Altheman (2018), a restauração do conjunto arquitetônico do Circuito selecionou um passado, que foi interpretado e selecionado pelos restauradores, além disso, os agentes privados que atuam ai usam dos espaços enquanto uma forma de divulgação da marca, de uma correlação desta com o investimento na cultura, um ato estratégico. Equipamentos financiados pela iniciativa privada e que integram o Circuito são, por exemplo, o Museu Minas Gerais Vale, o Museu de Minas e do Metal da Gerdau e a Casa Fiat de Cultura.

Cabe pontuar que o Circuito não foi a primeira proposta de uso desta área que carregou motivações culturais. Veloso e Andrade (2015) apresentam a proposta feita pelo senador Francelino Pereira em 1997, este projeto, intitulado Espaço Cultural da Liberdade (ECL), carregava diferenças significativas em relação ao Circuito. As autoras apontam como diferenças fundamentais a forma de gestão, o ECL sendo financiado pelo Estado e o CCPL por PPPs, e a concepção de cultura. “O primeiro manifestava uma preocupação com a imagem da capital externamente, mas se ancorava mais em uma visão do Espaço Cultural para consumo local. Já o segundo reforça a projeção da cidade externamente, seja para a

atração de turistas, seja para colocar a cidade em melhor condição no atual cenário econômico competitivo das cidades.” (Ibidem, p. 6)

Veloso e Andrade (2015) e Correia, Colares e Saraiva (2017) nos advertem para os fins turísticos do Circuito. Os últimos apontam para a articulação entre o Circuito e os comércios locais, em ações que visam incentivar o ‘turismo cultural’. Segundo Veloso e Andrade (2015, p. 7):

Apesar de Belo Horizonte não ser tipicamente uma “cidade turística”, uma vez que não tem fortes atrativos, ela recebe frequentemente população do próprio estado, turistas que se dirigem a outras cidades próximas, como as chamadas cidades históricas, ou a algum parque natural perto da capital. Além disso, recebe pessoas para eventos e negócios, uma vez que é uma cidade com 2.375.151 habitantes e, portanto, tem uma vida econômica e universitária importante. É objetivo do CCPL ampliar a capacidade turística da cidade, tornando-a mais competitiva na oferta de consumo cultural e de lazer. Conforme idealizado pelo projeto, a instalação do Circuito na Praça visa transformar “[...] a região histórica em um importante pólo de produção e consumo cultural do estado.” (MINAS GERAIS, 2005). Quanto ao público, busca-se atrair, tanto os locais, quanto os turistas. Função esta reforçada, na época, pelo fato de a cidade ter sido escolhida como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014.

Nota-se um processo de refuncionalização da área que ocorreu num período curto de tempo, mantendo as formas pretéritas, dotadas agora de uma função cultural, mas que é fortemente atrelada à economia urbana e à imagem da capital mineira para o exterior. Atrair turistas é, essencialmente, atrair capital para investimentos e consumo.

Passamos então para a análise do corredor em Mossoró, município pertencente ao Estado do Rio Grande do Norte, no qual o corredor está localizado na região central da cidade, na Avenida Rio Branco. Assim como em Belo Horizonte, observamos que a criação de um corredor cultural está fortemente atrelada ao turismo e a promoção de uma imagem da cidade. Inaugurado em 2008, Nascimento e Nobrega (2016), apontam para o caráter eleitoreiro no processo de construção do corredor e para a segregação social existente no espaço, o corredor é vendido como uma das imagens da cidade. Quando analisamos a forma desse corredor percebemos que há o aproveitamento das rugosidades, que se destacam na área, produzindo uma paisagem que diverge do entorno pelas suas formas históricas preservadas e pintadas em cores vivas. É na praça de eventos do corredor que ocorre o evento Mossoró Cidade Junina, principal evento realizado na cidade pela movimentação de público, o que tende a ser igualmente uma movimentação de dinheiro no local. Em direção similar às autoras supracitadas, Castro (2012) identifica problemas nesse projeto, segundo a autora, apesar de certas melhorias, ele é indutor de um modo de vida desigual e socialmente injusto pois não se baseia na cidade como direito, mas como um bem a ser consumido.

Por último, apresentamos o corredor cultural carioca. No Rio de Janeiro o projeto de preservação e revitalização do centro Histórico foi idealizado em 1979 e regulamentado em 1983 “ a partir da constatação de que o centro estava sofrendo um desgaste progressivo de suas funções originais, em virtude da hegemonia crescente das atividades financeiras” (EDITORES, 1992, p. 63), preservaram-se cerca de 1600 prédios no centro da cidade, datados, sobretudo, do final do século XIX e começo do XX. O projeto previa dar orientações sobre a recuperação dos prédios para os proprietários dos imóveis, desenvolver pesquisas para a ação e mobilizar a opinião pública para a questão da preservação da memória da cidade. Entretanto, Nascimento (2018, p. 122) nos adverte que

O projeto Corredor Cultural nasce das demandas por preservação física, mas também social e cultural do centro do Rio. Menos interessado nos atributos físicos desta ou daquela arquitetura (que é frequentemente citada como de interesse secundário pelos autores do projeto), o projeto é formulado na perspectiva de manutenção de certas formas de ocupação do Centro, estimulando outras tantas que lhes agregassem novos valores.

A autora nos mostra que essa revitalização parte de um discurso que utiliza a pauta cultural como ponto fundamental para suas ações, a Câmara Técnica do Corredor Cultural era incumbida de “pensar ações para trazer e/ou manter os usos culturais no centro” (Ibidem, p. 12). Valverde (2007, p. 14) mostra que “Tentava-se compensar a saturação do uso comercial do centro e a deterioração de certos edifícios através de uma priorização de formas e de funções que colocavam um olhar sobre a cultura carioca em primeiro plano.” Apesar de estar a cultura em primeiro plano, como o autor adverte, o Corredor manteria o uso comercial e financeiro dos espaços públicos.

Para Lima (2007, p.90), ater-se à pauta cultural não é suficiente, pois, “Não bastam os projetos de revitalização que privilegiem apenas o comércio e a indústria cultural. Para que o Centro Histórico deixe de ser um belo presépio iluminado das 21 às 7 horas da manhã, é necessário um programa de ocupação habitacional das áreas a reabilitar.”

Após as apresentações podemos salientar algumas diferenças de modelo de constituição e uso dos corredores culturais. Enquanto origem dos corredores o Circuito Cultural Liberdade e o Corredor de Mossoró foram projetos públicos concebidos para parcerias público-privadas, por sua vez, o Corredor Cultural do Rio de Janeiro do Rio de Janeiro não aponta para tais parcerias. Em São Paulo, o estabelecimento do projeto Paulista Cultural se deu diretamente pelo diálogo entre as próprias instituições, com a proposta sendo encabeçada pelo MASP. Portanto, tanto se considerarmos o Paulista Cultural como o corredor ou se pensarmos para além da quantidade de entidades que compõem essa proposta, temos um corredor que não faz parte de um projeto público, mas que vai se constituindo ao longo dos

anos. Este é a Avenida Paulista não foi foco de uma ação explicitamente voltada para a criação de um corredor cultural.

Recorrendo aos recursos visuais para reconhecimento das formas que compõem os corredores, notamos que há, sobretudo em Belo Horizonte e Mossoró, o uso e conservação de formas que retomam à um momento da história da cidade que permanece na paisagem através dos fixos, o que Milton Santos (2006) define como rugosidades. Com exceção da Casa das Rosas, todas as instituições que compõem a iniciativa são privadas. Essa instituição é também a única que se aproxima dos espaços edificados das experiências mencionadas, pois, é um dos poucos casarões que permanecem enquanto rugosidades na avenida. E o único com a função de equipamento cultural.³

No caso da Avenida Paulista, pensamos ainda na possibilidade de falar na constituição de um corredor cultural atuando na refuncionalização dessa parte da cidade, atualmente já muito ligada ao consumo cultural, o que não se deu por um processo arquitetado pelo poder público, mas também não é fruto de uma aleatoriedade. Parte das mudanças estruturais da sociedade. Este movimento é melhor apreendido quando consideramos uma fala do diretor do departamento regional de São Paulo, Danilo Santos Miranda, no momento da inauguração do Sesc Av. Paulista, vejamos:

Uma avenida que se estende por um dos pontos mais altos da capital paulista, dividindo com sua exuberância os caminhos das águas paulistanas. Uma avenida plena de memórias, que nasceu salpicada de casarões do café, pra depois ser rabiscada por arranha céus de um novo centro e agora se infla de cultura e diversidade. (SESC, 2018)

Destarte, entendemos que, assim como a economia da saúde atua na refuncionalização de espaços (ANTAS JR, 2011), a economia que se pauta pelo termo cultura, que se vende enquanto cultural, está intimamente ligada aos processos de transformação na/da cidade. Apesar de ter atividades de outra sorte sendo realizados na unidade, são as atividades culturais que ganham o destaque, elas são realizadas a partir de novas estruturas, como o espaço expositivo e o auditório, e até mesmo em locais que não possuem um uso exclusivo, como o do pátio presente no andar térreo. Extrapolam-se, até, as atividades para a rua em certas ocasiões, como ocorreu recentemente durante a Virada Cultural de 2022, portanto, o Sesc atua, interna e externamente, na transformação desta área através do Programa Cultura,

³ Dos outros remanescentes, apontamos que um é um restaurante da franquia Mc Donalds, conhecido como 'Méqui 1000' outro é a Residência Joaquim Franco de Melo, palco de disputas entre a família Franco de Melo (dona do palacete) e o governo do Estado, que tombou o edifício e pretende dar uma função cultural a ele. E um terceiro funciona como agência do Banco Santander, destinada aos clientes do grupo 'Select' (renda mensal a partir de R\$10.000,00).

propondo, junto com outros agentes da cultura institucionalizada novas formas de utilizar/viver a avenida. Atuando mesmo na transformação física da região da avenida pois atualmente está em construção um *boulevard* que conectará o Sesc com o Itaú Cultural, separados até então pela Rua Leôncio de Carvalho que está passando por um processo de requalificação entre a Avenida Paulista e a Alameda Santos (aproximadamente 120 metros). As obras para a realização do *boulevard* serão custeadas pelas duas instituições (Sesc e Fundação Itaú) em acordo com a Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da Cidade de São Paulo.

Ademais, apesar dos equipamentos ligados à arte estarem fortemente presentes na unidade do Sesc, contando com mais de um pavimento direcionado integralmente a alguma prática, o Programa Cultura não é o único que atua na unidade. Seguindo a linha das demais unidades do Sesc em São Paulo⁴, não há uma função atrelada tão somente a um programa de atuação. O edifício conta com equipamentos para saúde odontológica e para realização de atividades educativas e esportivas. Este é um diferencial importante do Sesc em relação aos demais equipamentos culturais localizados na avenida, ainda que esteja evidente um direcionamento para o consumo cultural, sua função não se limita a este, expandindo-se para outras práticas. Isto reverbera a multifuncionalidade da avenida que sedia este corredor, onde diferentes usos estão sendo realizados concomitantemente. O usuário pode observar essa multiplicidade pois, a nova forma da unidade coloca o usuário em contato com a avenida através das varandas presentes nas laterais da unidade e, principalmente, pelo mirante⁵ localizado na cobertura do prédio, podendo assim observar os fluxos, as ações que atravessam a avenida. Em outros termos, a partir do mirante tem-se uma visão da sobreposição de tempos presente na avenida, seguindo a proposta de Lefebvre (1991, 61-2) temos ao mesmo tempo diferentes empregos do tempo: obrigatório (isto é, do trabalho), livre (isto é, dos lazeres) e imposto (que é “o das exigências diversas fora do trabalho, como transporte, idas e vindas, formalidades etc”). Como o autor argumenta, o último emprego ganha terreno, se inscreve na cotidianidade e tende a definir o cotidiano pela soma das imposições.

Salientamos que a formação/fortalecimento de uma centralidade ligada ao consumo da cultura institucionalizada na Paulista não indica, no entanto, o desligamento total dessa porção do espaço com a função de comando econômico, político e financeiro, pois, essa sequer eram as funções originais da avenida, como já mencionamos anteriormente. Scarlato e Alves (2018)

⁴ Com exceção do CineSesc, cinema de rua pertencente à instituição e que atua desde 1979 na Rua Augusta, 2075 (300 metros da Avenida Paulista).

⁵ Este mirante permite visualizar a Paulista por inteiro e foi rapidamente absorvido pela rota turística, que coloca-o enquanto um ponto a ser visitado em São Paulo.

observam que São Paulo é uma “cidade policêntrica”, o que é valioso para pensarmos as práticas de consumo cultural. O centro antigo não deixa de ser uma centralidade dessas práticas, aliás, no processo de revalorização imobiliária apontada pelos autores, os eventos culturais entram como serviços integrantes deste processo. Intensamente segregador. Não é estranho ouvir que edifícios propositalmente abandonados poderiam se tornar centros culturais, museus, cinemas, enfim, possuir algum uso social, facilmente compra-se o discurso do cultural, particularmente o da cultura institucionalizada, por se apresentar como de interesse público. Esquece-se da questão habitacional no centro antigo, da presença massiva de capital privado na revalorização do centro e de fazer a pergunta fundamental que é: ‘cultura’ para quem? Quem se beneficia do aumento de equipamentos no centro, e na cidade como um todo?

Na constituição da centralidade da cultura institucionalizada na Avenida Paulista não nos deparamos com conflitos sociais como há no centro. Enquanto função habitacional, os primeiros moradores eram da elite industrial e cafeeira, atualmente, os prédios residenciais são ocupados por pessoas com alto poder aquisitivo. Em outras palavras, não há conflitos por moradia. Nos deparamos, no entanto, com pessoas em situação de rua, negligenciadas pelo poder público tanto no centro antigo quanto na Avenida Paulista e seus arredores. O que cabe questionar, tendo em vista a quase unanimidade dos discursos que os agentes da cultura institucionalizada trazem sobre a cultura ser transformadora, se há um movimento, por parte do Sesc na Avenida Paulista e pelos demais agentes, que se volte à integração dessas pessoas marginalizadas. O que já foi relatado na unidade Sesc Consolação⁶.

Enquanto caminho, ou possibilidade, para refletir a constituição deste corredor e o interesse em consolidar uma imagem-consumo vinculada à ‘cultura’, podemos pensar na expansão e deslocamento relativo do centro empresarial-comercial para o vetor sudoeste da cidade, impulsionado pela Operação Urbana Faria Lima (CARLOS, 2017), possui relação com a constituição, ou o fortalecimento, de uma centralidade “cultural” na Avenida Paulista. O Sesc, apesar de não deslocar sua sede administrativa para a região da Faria Lima, onde está localizado o Sesc Pinheiros, modifica a sua presença na avenida-marco da cidade de São Paulo reconstruindo a forma da sua unidade na Avenida Paulista para uma nova função, uma forma adequada ao processo de transformação da ocupação da avenida, que ganhou fôlego com projeto Paulista Aberta (em vigor desde o final de 2015). Este projeto foi encabeçado por

⁶ Fonte:

https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13884_O+TRABALHO+SOCIAL+COM+PESSOAS+EM+SITUACAO+DE+RUA Acesso em: setembro de 2023.

grupos sociais de São Paulo que demandavam a abertura da avenida para pedestres.

Culminando no programa Ruas Abertas. A proposta deste programa, que conta com 26 vias na capital⁷, é permitir durante os domingos e feriados uma outra forma de circulação e uso do espaço urbano, interrompendo o fluxo de carros e ônibus. Neste momento, mesmo que por algumas horas do dia, toda a via pavimentada funciona para o lazer, configurando-se como um espaço de convivência entre as pessoas. Reforçamos, o Sesc aproveita esse momento para realizar atividades que extrapolam os limites da sua edificação, ocupando a avenida com pessoas e atividades (não apenas artísticas, como físicas também), um desvio da forma de ocupação pautada pelo automóvel e pelo trânsito rápido. Portanto, prezando a circulação mais vagarosa, curiosa pelo encontro e possibilidades trazidas pelo fechamento da avenida, pelo menos para a maioria das pessoas que estão ali para o lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos apresentar neste trabalho alguns pontos para pensar o tema dos corredores culturais e o processo de tomada de importância do setor cultural na Avenida Paulista, e na economia urbana em geral. Constituindo uma centralidade do consumo da ‘cultura’, sobretudo da cultura institucionalizada, mas também da comercial (cinemas, shoppings e livrarias), na cidade de São Paulo.

Apesar de diferenças internas, as propostas de todos os municípios apresentados expõem como a cultura se firma enquanto uma mercadoria de peso no espaço urbano, um fato econômico a ser explorado e, como em diversas atividades, tende a se apresentar de forma concentrada no espaço urbano.

No entanto, compreendemos que tais corredores não precisam ser necessariamente dados *a priori*, sendo assim trabalhados enquanto objeto já pronto para análise. Acreditamos que seja possível desvendá-los ao longo do caminho investigativo quando estudamos a ‘cultura’ na cidade. Em outras palavras, não é necessário que exista um projeto que legitime e diga que existe um corredor, o pesquisador pode adotar, por exemplo, o corredor como uma categoria de análise para compreender os processos que estão ocorrendo na sua área de estudo. Pois, ele expõe a concentração, ordenada ou não, deste tipo de atividade.

Entendemos que o debate sobre a formação deste corredor cultural e das suas implicações não se encontra, de forma alguma, encerrado. Este é um tema riquíssimo para análises e discussões. Há minúcias e campos de pesquisas que precisam ser considerados com

⁷ Fonte: <https://www.ruasabertas.minhasampa.org.br/> Acesso em: setembro de 2023

um grau de atenção que não conseguimos atingir até o momento. Como por exemplo compreender melhor o nexos cultura-turismo⁸, já realizado em estudos sobre o Circuito Cultural Liberdade (VELOSO; ANDRADE, 2015), sobre o corredor cultural de Mossoró (NASCIMENTO; NOBREGA, 2019), e sobre a própria avenida Avenida Paulista (STEFANI; SHIBAKI, 2009; MORAES, 2016), no entanto, sem considerá-la um corredor cultural e sem pensar a cultura enquanto um setor da economia urbana. Acreditamos que o Sesc Avenida Paulista participa, se insere nas práticas turísticas, vide a espetacularização da paisagem adensada de prédios, típica desta parte da cidade através do mirante localizado na cobertura da unidade. Por fim, há a relação destes processos com o capital imobiliário, um movimento que também demanda maior reflexão.

REFERÊNCIAS

ANTAS JR. R. M. Notas sobre o uso do conceito de circuitos espaciais produtivos para estabelecer o nexos entre a reestruturação urbana e as refuncionalizações do espaço: um estudo sobre os fixos de saúde no Estado de São Paulo. **Anais do XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, Rio de Janeiro, 2011.

CARLOS, A.F.A. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: FFLCH, 2017

CASTO, C. Y. S. de F. **O corredor cultural: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró-RN**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012

CORREIA, G. F. A.; COLARES, A. F. V.; SARAIVA, L. A. S. Onde termina o público e começa o privado? Análise da privatização da cultura na Praça da Liberdade em Belo Horizonte. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 39, n. 2, May/Aug, 2017. pp. 109-120.

EDITORES. Corredor Cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, nº 34, 1992. pp. 63-68

HARVEY, David. A arte da renda: a globalização e transformação da cultura em commodities. In: HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 217-237

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Editora Ática: São Paulo, 1991.

LEMONS, C. L. N. **Práticas de lazer em São Paulo: atividades gratuitas nos Sesc Pompeia e Belenzinho**. Dissertação de mestrado. PUC-SP. 2005

⁸ Fazemos essa distinção por questões pragmáticas para esse trabalho tendo em vista as atividades promovidas (ligadas às diversas formas de arte) pelos agentes que atuam nessa avenida ser taxada de cultura, no entanto, entendemos que o turismo é consumo cultural, é uma mercadoria.

LAMOS, JÚNIOR, C. B.; BORTOLOZZI, A. Patrimônio cultural em território urbano contemporâneo: o caso do Circuito Cultural Praça da Liberdade – Belo Horizonte (MG). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 97-115, 2014. DOI: 10.22296/2317-1529.2014v16n2p97.

LINS, L. A.; ALTHEMAN, F. As estratégias do Circuito Cultural Liberdade e as táticas dos públicos: acontecimentos, atravessamentos e resistências. **Mediação**, v. 20, n. 26, jan/jun., 2018.

MITCHELL, Don. **Cultural Geography: a critical introduction**. Victoria: Blackwell. 2008.

NASCIMENTO, F. B. Corredor Cultural do Rio de Janeiro: debates e combates pelo patrimônio cultural urbano nos anos 1970. **Patrimônio e Memória**, v. 14, n. 2, jul/dez., 2018. pp. 117-139.

NASCIMENTO, I. L. D. do; NOBREGA, W. R. de M. Turismo e desenvolvimento local: um ensaio sobre o Corredor Cultural em Mossoró/RN. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**. n. 20, jun., 2016. pp 1-11

OLIVEIRA, M. C. V. **Instituições e públicos culturais: um estudo sobre mediação a partir do caso SESC-São Paulo**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2009.

PIMENTEL, B, E, L.; CARRANZA, E. G. Uma discussão sobre as transformações recentes da Avenida Paulista. **Revista 5% Arquitetura + Arte**, n. 19, v. 1. Jan/Jun 2020.

POMPOLO, C. A. **Um percurso pelos SESC's: uma leitura das transformações tempo-espaciais**. Dissertação de Mestrado - Arquitetura e Urbanismo, USP, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. Ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SCARLATO, F. C.; ALVES, G. da A. São Paulo: uma metrópole em constante mutação. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 100, p. 156–172, 2018

SESC. Sesc Avenida Paulista: um novo lugar de encontros. **Revista E-online**. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/12027_SESC+AVENIDA+PAULISTA+NOVO+LUGAR+DE+ENCONTROS Artigo publicado em 29/04/2018. Último acesso: 13/04/2023.

SHIBAKI, V. V. **Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone da metrópole de São Paulo**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, 2007.



STEFANI, E. B.; SHIBAKI, V. V. Atrativo Turístico e Centralidade Cultural: a Territorialidade da Avenida Paulista. In: **Anais do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. São Paulo, 2009.

VALVERDE, R. R. H. F. **A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca**. Tese de Doutorado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

VALVERDE, R. R. H. F. . A Indústria Cultural como objeto de Pesquisa Geográfica. *Revista Do Departamento De Geografia*, 29, 2015, pp. 391-418.

VALVERDE, R. R. H. F. Guerra cultural e multiterritorialidade. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2019. pp. 215-226

VASCONCELOS, E. Com 17 andares, Sesc abre unidade na Avenida Paulista no dia 29 de abril. **Fecomércio-SP**, 2018. Disponível em: <https://www.fecomercio.com.br/noticia/com-17-andares-sesc-abre-unidade-na-avenida-paulista-no-dia-29-de-abril>

VELOSO, C. S.; ANDRADE, L. T. Circuito Cultural Praça da Liberdade: turismo e narrativas museológicas. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 5, pp. 05-17, 2015.